

# Introdução

Quando concebemos o título deste livro, *A (des)ordem do discurso*, antevíamos que para se apreender uma ordem discursiva é preciso considerar a existência de uma (des)ordem que a precede. (Des)ordem que não implica, de modo algum, tampouco sugere, alguns sinônimos como: falta de ordem, desarranjo, desarrumo, desorganização, confusão, bagunça. Como pensar, então, que haja (des)ordens discursivas, sendo que os textos – matérias-primas dos discursos –, são instaurados, desde sua gênese, por condições singulares de produção que imprimem, revelam e desencadeiam determinadas ordenações: da(s) língua(s) e das linguagens, das relações espaciais e temporais intrínsecas aos gêneros, dos suportes e formatos, da rede que envolve a fabricação, distribuição e veiculação dos textos, dos supostos leitores? Condições essas que organizam, distribuem e veiculam textos. Nosso desejo, contudo, estava em buscar o funcionamento da ordem dos discursos que se aloja nos textos. Foucault, Pêcheux, Courtine, Maingueneau e Chartier são autores que foram mobilizados ao longo dos capítulos deste livro e que, de modos distintos, apreenderam e sugeriram caminhos seguros para se compreender modos de funcionamento da ordem/(des)ordem dos discursos.

Michel Foucault, entre outros textos de sua autoria, expõe em *A ordem do discurso* (1999: 8-9), seu ponto de vista sobre a (des)ordem discursiva. Ele supõe que,

em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Se, do modo como explicita esse autor, há em toda sociedade procedimentos de controle, seleção, organização e redistribuição de discursos, previamente selecionados como possibilidades de verdades absolutas, há de se pensar, então,

que muitos outros discursos estão sendo apagados ou silenciados. Cabe ao analista do discurso colocar em confronto ou, ao menos relacionar no mesmo patamar de verdades, posições distintas. Para tanto, o que se observa inicialmente na análise é uma imensa (des)ordem, se tomarmos como referência as ordens previamente instituídas. Essa (des)ordem aponta para alguns procedimentos que erigem novas ordens, como: a (des)caracterização da aparente unidade que controla a língua e as linguagens, a (re)escolha e seleção dos materiais adotados, a (re)organização segundo novas ordenações – tendo em vista, por exemplo, a multiplicidade de enunciados, as diversas formações discursivas, as enunciações muitas vezes díspares dos sujeitos, o olhar diferenciado para o sistema de arquivo –, a (re)definição das formas de controle, organização e divulgação dos discursos. Com isso, o que se observa momentaneamente é outro patamar de ordens, que pode sugerir uma aparente e inicial (des)ordem discursiva, mas que se configura, no dizer de Foucault em *A arqueologia do saber* (1997: 43), como *sistema de dispersão*.

Michel Pêcheux observou a (des)ordem discursiva, numa perspectiva analítica diferenciada de Foucault. Em *O discurso: estrutura ou acontecimento*, o autor argumenta:

Não se trata de pretender [...] que todo o discurso seria como um aerólito miraculoso, independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe, mas de sublinhar que, só por existência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos: todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho [...] de deslocamento no seu espaço. (1990: 56)

Sob o ponto de vista de Pêcheux, portanto, a (des)ordem coloca-se no jogo tenso da “desestruturação-reestruturação” dos discursos, uma vez que, para se constituir e analisar discursos há sempre a possibilidade de *deslocamentos*, posto que o sentido sempre pode vir a ser outro. Tais (des)arranjos são determinados por fatores de ordem sócio-histórica, que podem ser apreendidos não apenas por meio da análise das estruturas linguísticas, mas também via análise dos pronunciamentos e reconhecimento das diversas posições de classe social que os sujeitos ocupam “na rede discursiva”, no dizer do teórico (1990: 54). Isso reclama a reflexão sobre o ideológico como mecanismo naturalizador de sentidos e produtor de evidências.

Jean-Jacques Courtine, tomando como foco central as proposições advindas de Foucault e Pêcheux, insere-se no interior desses posicionamentos e, respeitando por um lado os pontos de vista oriundos de cada um desses autores, mas, por outro, buscando articulá-los por meio das relações entre língua, discurso e história, percebe a (des)ordem discursiva como uma *reconfiguração incessante*. Nesse sentido, ele propõe uma aproximação entre a materialidade da língua e a materialidade do discurso, articuladas por meio dos conceitos pecheutiano de interdiscurso e foucaultiano de formação discursiva, além de inserir a noção de “memória discursiva”, uma vez que a análise discursiva faz circular enunciações ocorridas em outros lugares e tempos, previamente enunciadas alhures.

O interdiscurso de uma FD deve ser considerado deste modo, segundo nosso ponto de vista: como um processo de reconfiguração incessante pelo qual se chega ao saber de uma FD – em função das posições ideológicas que esta FD representa em uma conjuntura determinada –, a incorporar elementos pré-construídos produzidos em seu exterior, a produzir sua redefinição ou sua inversão; a suscitar, igualmente, a lembrança de seus próprios elementos, a organizar sua repetição, mas também a provocar sua eventual desaparecimento, esquecimento, ou inclusive, sua negação. Pode-se considerar o interdiscurso de uma FD, como instância de formação/repetição/transformação dos elementos do saber desta FD, como o que regulamenta o deslocamento de suas fronteiras.<sup>1</sup>

Courtine considera, então, que é na instância do interdiscurso de uma Formação Discursiva (FD) que se pode considerar a formação, repetição e transformação dos elementos do saber dessa FD, o que regulamenta, regulariza, ordena e circunscreve suas fronteiras, havendo, assim, uma nova ordem discursiva.

Dominique Maingueneau, embora se diferenciando de Foucault, Pêcheux e Courtine, também reconhece o funcionamento da (des)ordem discursiva, contudo de outro mirante. Ele a apreende por meio da relação interdiscursiva que se inicia no momento da gênese dos discursos e entende que reconhecê-la como prática discursiva significa compreender os elementos em que a semântica global pode funcionar. Como afirma Maingueneau (2005: 21),

a unidade de análise pertinente não é o discurso, mas *um espaço de trocas entre vários discursos* (ou posicionamentos) *convenientemente escolhidos*. [...] o interdiscurso [é] o espaço de regularidade pertinente, do qual diversos

discursos são apenas componentes. Em termos de gênese, isso significa que esses últimos não se constituem independentemente uns dos outros, para serem, em seguida, postos em relação, mas que eles se formam de maneira regulada no interior de um interdiscurso. [...] Todo o discurso, como toda a cultura, é finito, na medida em que repousa sobre partilhas iniciais, mas essas partilhas não tomariam forma sobre espaço semântico indiferenciado. (Grifo nosso)

Desse modo, de acordo com a concepção de Maingueneau, *um espaço de trocas entre vários discursos [...] convenientemente escolhidos*, isto é, de discursos que se encontram previamente ordenados nas suas singularidades, é que daria a unidade à temática discursiva, via escolhas analíticas.

Já Roger Chartier, apreende a (des)ordem do discurso sob a ótica de um historiador e pesquisador das práticas culturais, das práticas de leitura e escrita. Vinculando-se ao posicionamento de Foucault dentre outros, Chartier se detém a observar, em *A ordem dos livros* (1999) e em *A aventura do livro: do leitor ao navegador* (1998), as intrínsecas relações existentes entre o modo como a “função autor” foi considerada, a imbricada composição em torno das “confeções” dos textos, os diversos gestos dos leitores frente aos modos como os textos foram sendo produzidos, as diferenças entre a biblioteca como instituição outrora intra e hoje extramuros. No dizer de Chartier, em *A ordem dos livros*:

Considerar, assim, que toda obra está ancorada nas práticas e nas instituições do mundo social não é, portanto, postular uma igualdade generalizada entre todas as produções do espírito. [...] Parece um pouco precipitado invocar a universalidade do belo ou a unidade da natureza humana para compreendê-las. O essencial encontra-se em outra parte, nas relações complexas, sutis, móveis, enlaçadas às formas mesmas das obras [...] desigualmente abertas às apropriações, aos costumes e inquietações dos seus diferentes públicos. [...] Hoje, o que toda história cultural deve pensar é a paradoxal articulação entre uma *diferença* [...] e as *dependências* [...]. (1999: 9-10, grifo do autor)

Chartier, longe portanto de considerar as práticas culturais da história da leitura e da escrita numa ordem cronológica, busca uma igualdade generalizada entre elas, observa-as sob outra perspectiva, e revê a aparente (des)ordem destas práticas pela via [da] “paradoxal articulação entre uma *diferença* [...] e as *dependências*”.

No cintilar desses posicionamentos de Foucault, Pêcheux, Courtine, Maingueneau e Chartier, percebem-se distintas concepções sobre a (des)ordem

discursiva, pois se Foucault a viu como *sistema de dispersão*, Pêcheux a entendeu como *deslocamento*, Courtine a vislumbrou como *reconfiguração incessante*, Maingueneau a concebeu como *espaço de trocas entre vários discursos* e Chartier como práticas culturais que revelam *diferenças e dependências*.

Essa heterogeneidade de mirantes teóricos, dentre outros que permeiam os capítulos, sobre a ordem/(des)ordem do discurso, fundamentou e fermentou os olhares dos autores convidados para compor esta obra, e tornou possível sua organização em quatro partes.

Na Parte 1, intitulada “Diálogos entre Brasil e França”, Jean-Jacques Courtine e Roger Chartier se propõem a pensar a ordem/(des)ordem do discurso em abordagens distintas. Jean-Jacques Courtine, em entrevista concedida a Cleudemar Alves Fernandes, oferece um panorama de como vêm se desenvolvendo os estudos sobre a Análise do Discurso hoje, na França, tendo em vista: seus próprios projetos recentes de pesquisa no campo do discurso; as relações que atualmente se estabelecem nesse país entre historiadores e linguistas; o modo como o legado do pensamento de Michel Foucault se insere nos dias atuais nos estudos universitários franceses, particularmente no campo do discurso; o ponto de vista desse pesquisador sobre a necessidade de ser militante de esquerda para se analisar os discursos. Roger Chartier, em entrevista a Fábio César Montanheiro, volta sua atenção para os dispositivos técnicos de preservação, disponibilização e acessibilidade atual dos textos, bem como sobre a conservação e a atual legislação dos direitos autorais, oferecendo um panorama sobre questões que instigam as relações sobre a história da leitura, dos livros, das bibliotecas e dos leitores.

A Parte 2, denominada “Fundadores de discursividades”, busca apresentar focos que especificam teoricamente os estudos da língua, da linguagem e do discurso em suas relações com a história. Inicia-se com o texto de Nilton Milanez e Janaina de Jesus Santos e, a partir das aproximações entre os escritos de Friedrich Nietzsche e Michel Foucault, apresenta discussões relativas à história, à memória, à descontinuidade, ao acontecimento, ao homem comum e à produção de saber. A seguir, Maria Cristina Leandro Ferreira elege interseções entre Pêcheux e Foucault e investiga uma questão central. A partir da proposição/provocação de se falar da (des)ordem do discurso, questiona se não seria o caso de assumir o paradoxo de falar da ordem a partir do lugar da desordem, e se não seria justamente esse caráter instável e paradoxal, mais um fato estrutural incontornável da ordem do discurso. Dando prosseguimento a essa parte, Maria da Conceição Fonseca-Silva inicia a reflexão do seu trabalho com um

breve comentário sobre o funcionamento do enunciado na tradição gramatical, na filosofia analítica de Oxford e na lógica clássica para, em seguida, tratar na perspectiva foucaultiana de enunciado, objetos de discurso e domínio de memória na (des)ordem do discurso. Pedro Navarro busca pontuar alguns aspectos que possam indicar as especificidades da ordem discursiva na qual se caracteriza a mídia, fundamentando a discussão em teóricos renomados da Análise do Discurso, visando três perspectivas: a primeira analisa o modo como nos discursos da mídia se processa a articulação entre descrição e interpretação do real; a segunda investiga a relação entre prática jornalística e instituição; e a terceira tem por finalidade discutir as condições de produção da notícia, tendo em vista as formas retóricas da linguagem jornalística. Vanice M. O. Sargentini traça uma reflexão sobre as relações entre a Análise do Discurso e a história, e o faz refletindo sobre três ângulos: o modo como o conceito de história adentrou nos estudos linguísticos, na visada de autores que se inscrevem no quadro de estudos da Análise do Discurso; o modo como em análises apresentadas por esses estudos emprega-se o conceito de história; a maneira de avaliar, no quadro atual da Análise do Discurso, a importância da espessura histórica na análise da discursividade.

Na Parte 3, “Brasil: mostra a tua cara”, buscamos agrupar trabalhos que, amparados em sólidas bases teóricas que abordam a relação entre a ordem e a (des)ordem do discurso, apresentam resultados de análises que observam pronunciamentos brasileiros sobre os discursos jurídico, psiquiátrico, político e popular. Maria José R. F. Coracini enfatiza, em seu texto, duas espécies de reclusão: uma a partir do jurídico, outra a partir da medicina psiquiátrica, e sugere a possibilidade de que não haja uma oposição radical entre essas duas ordenações, já que alguns discursos analisados, como os dos menores infratores e o de uma mulher internada em manicômio, apontam que, muitas vezes, o saber psiquiátrico é que determina a prisão ou a liberdade desses reclusos. Roberto Leiser Baronas e Regiana Perpétua Manenti, detendo-se no discurso político, buscam traçar uma análise do tema *corrupção* em programas de governo das eleições presidenciais de 2006 por meio de articulações entre o conceito de *formação discursiva* e o de *semântica global*. Sírio Possenti volta-separa o discurso popular; o *corpus* de análise é composto por textos que pertencem a dois gêneros: canções populares nordestinas e “empulhas” gaúchas, cuja característica principal é o duplo sentido, pois trata-se de textos em que fica muito claro que a língua é destinada ao equívoco.

Na Parte 4, intitulada “Brasil: a nossa tradução”, continuamos a agrupar trabalhos que também oferecem um panorama teórico-metodológico entre a articulação da ordem e da (des)ordem do discurso e que, do mesmo modo, apresentam resultados de análises que observam pronunciamentos brasileiros. Contudo, aqui eles se diferenciam dos anteriores, pois apontam para arranjos analíticos que dizem respeito a discursos midiáticos imagéticos, literários e religiosos. Nádea Regina Gaspar centra-se no discurso midiático imagético e procura compreender de que modo os audiovisuais nacionais vêm discursivizando a temática da leitura no século XIX no Brasil, analisando-a em dois filmes e uma novela televisiva. Ane Ribeiro Patti e Lucília Maria Sousa Romão buscam indícios sobre os modos como os filhos e netos de brasileiros envolvidos com o tráfico de drogas se inscrevem no discurso, deixando vaziar ou interditar os efeitos do infantil; para tanto, detiveram-se na análise discursiva de algumas mídias como cartuns, um filme documentário, uma reportagem e uma entrevista, ambas impressas. Marisa Martins Gama-Khalil detém-se no discurso literário; ao analisar poemas e poemas-canções de poetas brasileiros, busca demonstrar como os debates sobre a especificidade da palavra literária são frequentes e trazem quase sempre argumentos que apontam para o seu caráter transgressor, para sua tendência ao desordenamento de ideologias sacralizadas e institucionalizadas. Por fim, Edvania Gomes da Silva observa o discurso religioso a partir da retomada do conceito de *interdiscurso*, e diante disso verifica, analiticamente, os distintos posicionamentos de dois movimentos da Igreja Católica brasileira: a Renovação Carismática e a Teologia da Libertação.

Desejamos que os leitores desta obra possam apreender, no fruir da ordem que demos para estas leituras, que a análise de discursos não ocorre por meio de traslados em caminhos seguros e previamente demarcados por fronteiras, mas que os discursos acontecem e se dão a ver por atalhos, sendas, veredas, trilhas que sugerem (des)ordens na ordem previamente estabelecida. Contudo, analisar discursos aponta também, de modos bastante seguros, para novos caminhos, arranjos e ordenações. No dizer de Foucault, em *A ordem do discurso*,

a Análise do Discurso [...] não desvenda a universalidade de um sentido; ela mostra à luz do dia o jogo da rarefação imposta, com o poder fundamental da afirmação. Rarefação e afirmação, rarefação, enfim, da afirmação e não generosidade contínua do sentido, e não monarquia do significante. (1999: 70)

Entre a (des)ordem dos significantes e a composição de outras ordens discursivas... foi o caminho que este trabalho tomou, desde a sua concepção.

Nilton Milanez e  
Nádea Regina Gaspar  
Organizadores

## Nota

- <sup>1</sup> "El interdiscurso de una FD debe considerarse de este modo, según nuestro punto de vista, como un proceso de *reconfiguración incesante* en el que se lleva al saber de una FD, en función de las posiciones ideológicas que esta FD representa en una coyuntura determinada, a incorporar elementos preconstruidos producidos en su exterior, a producir su redefinición o su inversión; a suscitar, igualmente, el recuerdo de sus propios elementos, a organizar su repetición, pero también a provocar su eventual desaparición, olvido o inclusive su negación. Puede considerarse el interdiscurso de una FD, como instancia de formación/repetición/transformación de los elementos del saber de esta FD, como lo que reglamenta el desplazamiento de sus fronteras". (Courtine, J.J. *Análisis del discurso político: el discurso comunista dirigido a los cristianos*. In: Langages, n. 62, 1981, p. 44. (Grifo do autor). Disponível em <<http://www.fortunecity.com/victorian/bacon/1244/courtine.html#III2>>. Acesso em: 22.5.2009.)

## Bibliografia

- CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo Carmello Córrea de Moraes. São Paulo: Ed. Unesp, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVII*. Trad. Mary Del Priori. 2. ed. Brasília: Ed. UnB, 1999.
- COURTINE, J. J. *Análisis del discurso político: El discurso comunista dirigido a los cristianos*. Langages, n. 62, 1981, p. 44. Disponível em <<http://www.fortunecity.com/victorian/bacon/1244/courtine.html#III2>> (acesso em: 22.5.2009).
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- \_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2005.
- PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.